

Escola de favela, aula de História e alunos evangélicos

Favela School, History Class and Evangelical Students

Alline de Assis Xavier Maia*

RESUMO

A proposta deste artigo é compartilhar algumas reflexões, oriundas de minha pesquisa de doutorado, que ajudam a informar sobre o universo simbólico que permeia os alunos que se identificam como evangélicos em território de favelas, visando contribuir para que o processo de ensino-aprendizagem da disciplina de História seja realizado com maior eficácia. Partindo da ideia de Monteiro de que professores e alunos são sujeitos, portadores de visões de mundo diferenciadas e que estabelecem relações entre si com múltiplas possibilidades de apropriação e interpretação, ressalto a importância em compreender essa parcela do auditório – alunos evangélicos – que chega cada vez em maior número em nossas aulas de História, desejosos de serem ouvidos em suas perspectivas sociais e religiosas. Palavras-chave: ensino de História; identidade; evangélicos.

ABSTRACT

The purpose of this article is to share some reflections from my doctoral degree research, that helps to inform about the symbolic universe which permeates students who identify themselves as evangelicals in the favela community, aiming to contribute more effectively to the teaching-learning process of the discipline of History. Starting from the idea of Monteiro, that teachers and students are subjects that carry different worldviews and form relationships with each other including multiple possibilities of appropriation and interpretation, I emphasize the importance of understanding this part of the audience – evangelical students – who appear more and more in our History classes, eager to be heard in their social and religious perspectives.

Keywords: History teaching; identity; religious students.

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. alineuerj2003@yahoo.com.br

Antes, quando eu ia dar rolê em Charitas, todo esculhambado, de Kener e bermuda caída, os playboizinhos até atravessavam a rua, achando que eu ia meter eles. Só que eu tava indo só fumar maconha na brisa do mar. Claro que se dessem muito mole, eu e Igor metia mesmo. Mas agora é muito diferente. Nós vamos lá levar a palavra. Vai maior bondão no 48, no ônibus mesmo já vamos ligado no senhor. Nós leva violão, o pastor leva um lanche na moral, refresco à vontade e fazemos um luau. Geral passa, cumprimenta. Fala que é muito lindo nosso trabalho. Eles se amarram na Cris cantando. Ela esculacha mesmo. (Vitor, 16 anos, estudante da 1ª série do Ensino Médio, em entrevista)

A década de 1980, no Brasil, foi marcada pelo processo de redemocratização, que se refletiu em muitos âmbitos, inclusive na educação. A partir de então, o ensino de História passou a ter como bandeira a formação de cidadãos críticos, que se reconhecessem enquanto sujeitos históricos. Nesta perspectiva, intensificou-se a ideia de que a sala de aula deveria ser encarada como local de encontro entre muitos sujeitos, tanto alunos quanto professores, assim como a primazia de que as subjetividades fossem encaradas como saberes e que fossem respeitadas as peculiaridades de cada grupo.

Considerando esses dois pontos: a sala de aula como encontro de diversas identidades e o ensino de História enquanto lócus de formação de cidadãos conscientes e críticos, que este trabalho se propõe a elucidar parte da identidade religiosa de um grupo que tem se mostrado cada vez mais forte no auditório que compõe nossas salas de aula: os alunos evangélicos. Dentro desta lógica, acredito que a compreensão deste grupo específico e de suas visões de mundo por parte dos professores possa resultar em consequências mais positivas no processo de ensino aprendizagem de História, uma vez que novas opções didáticas possam ser mobilizadas, para a inserção desta disciplina que se mostra cada vez mais importante na atual conjuntura que estamos vivenciando.

Dito de outra forma, esta escrita visa ser uma contribuição para que os docentes, em especial os de História, possam conhecer ou confirmar informações já existentes em relação aos alunos evangélicos que chegam diariamente

às nossas escolas e que não raro questionam o saber e o fazer docente. Ou seja, acredito ser fundamental compreender a visão de mundo do grupo para entender como o mesmo se mostra resistente a determinadas temáticas dentro da disciplina de História. Para tanto, compartilho alguns dados de minha pesquisa de doutorado que considere relevantes para tal compreensão. Assim, aposto na docência como um trabalho interativo, seguindo a perspectiva de Tardif (2014), a qual pode ser resumida como um trabalho sobre e com o outro, e que, na atualidade, o professor deve ensinar a um coletivo e ao mesmo tempo considerar os indivíduos em sua singularidade. Friso a importância na compreensão de quem é esse outro, quem é esse indivíduo religioso que prioriza seu pertencimento a uma nação de Cristo, mesmo estando numa sala de aula.

Antes de adentrar na questão, gostaria de enfatizar o lugar de onde partiu minhas indagações: de docente da rede pública do estado do Rio de Janeiro, há doze anos como regente. Os dados que serão explorados neste trabalho são provenientes de minha pesquisa de doutorado, ainda em andamento, que visa compreender a recepção dos alunos que se identificam como evangélicos aos conteúdos mobilizados pelos docentes da educação básica como integrantes da História da África. Para tanto, tenho empreendido a etnografia como metodologia de trabalho, acompanhando aulas de História de turmas de 7º ano do ensino fundamental e 1ª série do ensino médio, dada a disponibilidade dos professores, em duas escolas da rede pública estadual do município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, localizadas em território de favela.

Sobre o avanço dos evangélicos no Brasil, ressalto que os dados do IBGE de 2010 já apontavam para o crescimento do grupo religioso que assim se define. No âmbito político (DIP, 2018), o grupo, através da bancada evangélica, vem ganhando destaque desde a retomada democrática da década de 1980. As ações sociais promovidas por este grupo religioso são encaradas como verdadeiras cruzadas de fé em trabalhos realizados nos presídios e com moradores de rua e que por vezes ganha destaque midiaticamente.

Cientistas sociais que há muito acompanham esse grupo, como Mafra (1999) e Birman (2000), apontam para o seu crescimento nas cidades e em especial nas áreas periféricas, onde temos um número maior de concentração de negros nas cidades. Sobre isso, Mafra destacou que em cidades metropolitanas como o Rio de Janeiro e São Paulo há a formação de um grande cinturão pentecostal nas periferias costurando as metrópoles.

Nos grandes centros, a presença do grupo não passa despercebida pelos que cruzam as cidades. Seja por meio da diversidade de templos, dos adesivos dos carros, dos pregadores de rua que estão sempre dispostos a dar sermões em praças ou em transportes públicos, e também pelos louvores que são difundidos até mesmo em lojas de grandes franquias. O grupo invadiu as lojas de roupas, com a “moda evangélica”, e chegou às embalagens de alimentos, às capas de cadernos etc. Em suma: não há como não notar sua presença.

Antes de prosseguir, considero importante descrever que grupo é esse que se define como evangélico. Saliento que são muitos grupos que estão debaixo do “ser evangélico” e, por isso, há também uma disputa entre os líderes evangélicos pela vaga de “portador de voz oficial do grupo” (FRESTON, 2009, p. 68). O termo “evangélico” no Brasil pode ser compreendido como um guarda-chuva que abarca uma variedade de denominações, desde as protestantes históricas às neopentecostais, de conservadores a progressistas, infiltrado em todas as classes sociais.

Contudo, a notoriedade do grupo nas áreas urbanas somada à representatividade que tem sido enfatizada no campo político, em especial nas últimas eleições presidenciais, tem levado também ao surgimento de um movimento de “crentefobia”, que, grosso modo, pode ser resumido como uma categoria de acusação, que tende a taxar o grupo como ignorante ou desprovido de saber, e que deve receber dos mais variados cientistas e intelectuais, o conhecimento.

Fato é que este grupo religioso chegou às nossas escolas e se faz representar. O grupo quer ter uma voz ativa nas mais variadas decisões, incluindo-se aí as diretrizes curriculares. Não à toa, a ex-governadora do Rio de Janeiro, Rosinha Garotinho, já expressava sua vontade de incluir a Bíblia e seu estudo no espaço da escola pública, episódio que foi repetido recentemente pelo atual presidente da república, Jair Bolsonaro, e que trouxe uma gama de discussões principalmente no âmbito das redes sociais. Também não posso deixar de destacar a corrida pelas vagas nos conselhos tutelares por parte desses religiosos, no ano de 2018, como um indício da perspectiva dos líderes midiáticos em ocupar o território das escolas.

Após essa descrição sobre a participação dos evangélicos em nossa sociedade, com destaque para a política, volto agora ao meu ponto central: descrever quem são esses alunos evangélicos da rede pública de ensino, quais as suas percepções sobre a escola e como a religiosidade do grupo pode afetar o ensi-

no de História. Para tanto, esta escrita será dividida em duas seções. Na primeira, será exposta uma breve descrição acerca da identidade evangélica evocada pelos próprios discentes: o uso da Bíblia e a batalha espiritual. No segundo momento, será enfatizada a relação que estes alunos traçaram, ao longo de minha pesquisa, entre o livro didático de História e a Bíblia e, consequentemente, as comparações que traçam cotidianamente entre a autoridade do pastor e do professor.

SOBRE SER EVANGÉLICO: A BÍBLIA NA BATALHA ESPIRITUAL

Os dados aqui apresentados e associados às impressões e interpretações que ainda estão em curso fundamentam-se na perspectiva desenvolvida por Monteiro (2010) do ensino de História enquanto um lugar de fronteiras. Quero dizer com isso que a minha ideia é perceber como se desenvolve a relação entre o ensino e a aprendizagem, considerando esta disciplina escolar a partir de um lócus no qual a produção do conhecimento histórico seja possível por considerar as referências culturais, vivências e memórias, de discentes e docentes.

Dentro desta perspectiva, é importante ressaltar que as sensibilidades ou temas sensíveis tendem a atravessar essa fronteira, e que o entendimento sobre o que advém deste cruzamento é fundamental para uma aprendizagem de sucesso.

Em primeiro lugar, considero essencial trazer à luz algumas questões referentes à minha pesquisa. Na tentativa de melhor compreender os alunos evangélicos e mapeá-los nas turmas, realizei durante o 4º bimestre de 2019, além da observação participante das aulas de História, a aplicação de um questionário do tipo *survey* a um universo de 190 alunos, que responderam de forma voluntária, estudantes de 7º ano do Ensino Fundamental e de 1ª série do Ensino Médio, em duas escolas do mesmo território, como já mencionado, que, por questões éticas, tanto as unidades escolares quanto os alunos receberam nomes fictícios, sendo as escolas referenciadas como A e B. A fim de melhor conhecer o grupo, também investi em entrevistas individuais e encontros com grupos focais, com os alunos que se dispuseram a participar.

Entre perguntas abertas e fechadas, que versaram entre informações so-

cioeconômicas e religiosas, as respostas indicaram que 79% dos alunos acionam ou assumem a identidade evangélica, ou seja, 150 alunos.

Importante frisar que em relação à religiosidade dos responsáveis por suas habitações, temos um universo interessante: todas as mães ou avós possuem religião, ainda que não a pratiquem, sendo 88% evangélicas. Indagados sobre o universo de crenças, as respostas evidenciaram que: 82% acreditavam em milagres, 77% acreditavam na vida após a morte, e 86% acreditavam em entidades e orixás, enquanto 6% acreditavam em reencarnação.

Com base nessas informações, constato que mesmo sendo a maioria evangélica há tanto a crença nas entidades quanto nos milagres, e isso ajuda a fundamentar a batalha espiritual que será analisada mais a frente, mostrando o quanto esta guerra se faz presente na vida desses jovens.

Em relação à prática religiosa, 76% fazem orações diárias, enquanto 91% dos evangélicos frequentam ao menos uma vez por semana os cultos; comparando aos católicos, temos 22% de frequência semanal e 33% mensal. Tais indicadores nos mostram o quanto as igrejas evangélicas estão presentes na rotina desses jovens, sendo locais tanto de lazer quanto de sociabilidade.

Quanto às influências religiosas, estes jovens alegam: 46% motivos pessoais, 31% pelos pais, 17% amigos, 6% parentes. Isso é significativo, pois também se enquadra no perfil dos evangélicos que aceitam “Jesus”, e se batizam durante a adolescência, que dentro da periferia podem ser considerados adultos, uma vez que muitos possuem responsabilidades com a casa, familiares ou emprego.

Quando indagados sobre a participação em outras religiões, diferentes da sua, temos o seguinte universo: 13% de evangélicos frequentam eventos de outras religiões, 24% de católicos frequentam, enquanto 98% dos de matrizes africanas frequentam outros espaços. Os evangélicos possuem menos participação em outras religiões, estando mais fechados.

Questionados sobre amizades, namoro ou possível sociedade, os estudantes católicos e os adeptos de religiões afro-brasileiras foram os mais abertos e consensuais, enquanto 79% dos evangélicos afirmaram não dar preferência a esse tipo de convivência. Observo, dessa forma, que a “intolerância” recai mais entre os evangélicos, que afirmam respeitar outras religiões, mas vivenciando a máxima “cada macaco no seu galho”.

Mais do que isso, os dados mostraram que são sobretudo pentecostais,

imersos num emaranhado de denominações, nas quais a Assembleia de Deus, em suas variadas vertentes, apareceu em 51% das respostas. O questionário também apontou que a experiência corporal com o espírito santo é um elemento comum a todas as igrejas as quais esses jovens pertencem.

Partindo de minha suspeita prévia em relação ao grupo, indaguei sobre a credibilidade que possuíam entre alguns livros, como a Bíblia e o livro didático de História. As respostas superaram minha aposta: 92% dos alunos colocavam o livro sagrado em vantagem quando comparado ao livro didático.

Este resultado foi aprofundado nos encontros dos grupos focais que realizei com os alunos evangélicos que aceitaram participar. Em cada escola realizei três encontros, com grupos formados separados de acordo com a escolaridade, que ocorreram durante o recreio e as aulas vagas. Nos debates, o livro apareceu como aquele mais digno de confiança pelos alunos, uma vez que pode responder sobre todos os assuntos que estão presentes na vida de um indivíduo.

Minha incursão etnográfica tem apontado que os alunos que se definem como evangélicos mobilizam a identidade religiosa como uma alternativa de resistência e positividade mediante aos demais moradores da cidade, principalmente dentro do território da favela. Para isso, a utilização do fundamentalismo bíblico e a batalha espiritual são primordiais no acionamento de uma identidade que, de certa forma, pode suscitar “respeito” pelos demais grupos que estão imersos neste universo periférico.

Vital da Cunha (2015) destacou que em territórios favelizados onde são constantes as ameaças de perigo, tanto pelo tráfico quanto pelo próprio estado, por meio da polícia, e onde outros serviços são escassos e precários, as igrejas evangélicas tendem a emergir como locais nos quais é possível desfrutar de sociabilidade e solidariedade segura, tornando-se importantes na dinâmica do local e de seus habitantes. Sobre essa positividade proporcionada pelo acionamento de uma identidade religiosa, o seguinte trecho de entrevista ajuda a elucidar. Quando indagado sobre a pertença religiosa e o *status* dentro da favela, o aluno respondeu:

Esses meninos dão muito mole. Nós já é preto e eles querem andar cheio de proibidão no celular. Aí num dá. Tipo Vinícius, da turma 901. É meu irmão. Nem é bandido, mas fica botando marra. Arrastando Kener e cordaozão. Os cana já visa

logo o celular. Dão um tapa por música (risos). Meu celular é só louvor. Isso já mostra que não sou vagabundo. Já fui parado aqui na Brasil. O cana me deu até a “paz do senhor”. De cara ele já viu que eu tava só de passagem na rua. E me liberou da enquadração. (Pedro, 18 anos, estudante da 1ª série do Ensino Médio, em entrevista)

O território onde a pesquisa tem sido realizada, conforme já mencionado, caracteriza-se por ser um conjunto de favelas, formando um pequeno complexo. Assim como em outras favelas do Rio de Janeiro, como em Acari ou Santa Marta, já estudadas por Vital da Cunha (2015, p. 101), a presença de uma “cultura gospel” ou dos evangélicos se faz presente de maneira incisiva no território em questão, seja por meio dos nomes dos pequenos comércios que acenam para as identidades evangélicas, seja pelas faixas com versículos espalhadas pelo território – em alguns casos produzidas pelo próprio crime organizado –, pelas camisas estampadas com “Deus é mais”, ou os adesivos que tomam conta das janelas de casas e carros por dentro das vielas, pelos louvores que se misturam aos funks e forrós, numa confusão sonora, ou ainda pelo grande quantitativo de pequenas igrejas espalhadas pelas esquinas, a presença dos evangélicos dá indícios de que a população local está imersa num movimento de pentecostalização do território em questão e, por consequência, adentrando os muros das escolas que estão inseridas nessa localização.

Durante as entrevistas semi-estruturadas, nas quais eram incentivados a descrever sua pertença religiosa e os benefícios da mesma em suas vidas, os alunos enfatizaram que vivenciam uma batalha espiritual constante, a qual, segundo os depoimentos, pode ser resumida como investidas em que o diabo e seus demônios tendem a travar lutas diárias que podem se materializar no campo físico, variando desde doenças físicas e emocionais, ao plano amoroso, podendo se estender também à escola e ao mundo do trabalho. Ou seja, nessa perspectiva, nada pode escapar ao cerco do diabo.

Diante de tantas possibilidades, de acordos com os depoentes, aquele que se diz evangélico deve estar sempre preparado para o conflito. E isto inclui tanto o estudo da Bíblia quanto a mobilização da mesma para os *fronts* cotidianos, tendo a dupla função: de defesa e ataque para os evangélicos. Segundo Mariano (1999) e Freston (2009) o livro sagrado é utilizado tanto como escudo quanto como espada. Ou seja, no geral, o uso fundamentalista do livro

torna-se, na maior parte dos casos, crucial como indicador de uma pertença evangélica.

Importante frisar que os alunos que assumem a identidade evangélica evidenciaram possuir uma frequência ativa aos cultos. Em especial os que possuem cargos dentro da igreja, como ativos no ministério de louvor, de teatro e de coreografia. A participação nesses setores tem como pré-requisito a busca pelo estudo da Bíblia, que, de maneira geral, ocorre por meio da participação como alunos matriculados na escola bíblica dominical, que acontece aos domingos pela manhã.

Segundo a descrição dos membros, os fiéis que procuram a igreja aos domingos pela manhã são matriculados em classes de ensino de acordo com a faixa etária e, em alguns casos específicos, segundo o sexo. No geral, os membros que chegam entre 7 horas e 30 minutos até as 8 horas têm direito a um pequeno lanche, como um café e um pedaço de bolo. As crianças e os adolescentes podem consumir um achocolatado e, por vezes, um iogurte, que os membros fazem “vaquinhas” para a doação. Assistem às aulas que se iniciam às 8 horas da manhã, estendendo-se às 11 horas do domingo, com material didático específico, mobilizado por um conteúdo comum, que deve ser trabalhado de acordo com a faixa etária durante um trimestre. O material didático, impresso em forma de revista, possui um texto base adaptado à faixa etária, exercícios para cada grupo e uma temática dominical comum a todas as classes.

Ao final da aula, todas as classes são reunidas e o pastor faz um resumo sobre o tema ensinado. Os alunos relataram que os matriculados passam por avaliações, nas quais os melhores avaliados são presenteados individualmente com Bíblias ou CDs acompanhados de tortas, bolos, ou caixa de bombom, ao final de cada trimestre. Os campeões de cada classe, ou os alunos destaque, recebem das mãos do pastor um certificado. Para receber este certificado, há algumas considerações: pontualidade, frequência e comportamento plausível a um “crente”, além, é claro, do domínio sobre o livro da Bíblia.¹

Dada a estrutura relatada pelos informantes, percebe-se o quanto o acionamento do livro sagrado é importante para um evangélico. Sobre a importância de frequentar a escola bíblica dominical e aprender sobre o livro, o aluno Gabriel, de 13 anos, estudante do 7º ano da escola B, esclareceu durante o grupo focal:

Aqui na escola até que sou um pouco burro (risos), mas na escola dominical sou esperto. Pego rapidinho. Sou o primeiro a acabar o dever. Também não tem matemática (risos). Todo domingo eu tô lá. Fico bolado quando atraso porque o pastor dá um chamado lá do púlpito. Maior vergonha (risos). Mas nas histórias da Bíblia, pode perguntar o que quiser, de Sansão, de Davi, de Samuel [...] sei tudinho de cor. Ganhei até medalha do pastor. Quando tem gincana, geral quer ser do meu grupo porque sei muita Bíblia. Pode perguntar a Tico, sou sinistro (risos). (Gabriel, 7º ano do Ensino Fundamental, em entrevista)

Em outras palavras, as igrejas aparecem em muitos casos como uma possibilidade de adquirir um *status* social, uma vez que nestes espaços podem se destacar como cantores, instrumentistas, pregadores, obreiros, artistas etc. Enfim, as igrejas proporcionam um bem estar, um reconhecimento, um pertencimento a um grupo que pode suscitar respeito não somente pelos outros moradores da favela, mas também pode ser acessado pelos demais habitantes da cidade.

Assim, a força da igreja nesses espaços, baseada em um diálogo direto com Deus, pode aparecer como elemento disciplinador que chama o jovem novamente à ordem, trabalhando as dimensões temporais na vida dos mesmos, ou seja, prometendo que as necessidades do mediato podem realizar no agora. Ao apelar para o individualismo, essa instituição religiosa pode mobilizar nesses jovens suas formulações mais conservadoras, formando uma identidade e atando-os a um grupo.

O LIVRO DE HISTÓRIA E A BÍBLIA: PARALELOS ENTRE A AUTORIDADE DO PROFESSOR E A DO PASTOR

Na pregação o pastor já falou isso... que os médicos cada hora dizem uma coisa sobre o ovo. Um mês faz mal outro não faz... Quer dizer, não têm certeza de nada. Já a Bíblia, ela é aquilo ali e não muda, pode passar o tempo que passar. (Jovem estudante da 1ª série do Ensino Médio, em entrevista)

Após ter descrito o quanto a identidade evangélica pode ser acionada como um meio de positivação entre os jovens residentes de uma favela e elu-

cidadão os fatores que fundamentam a construção desta identidade, no caso a utilização frequente da Bíblia Sagrada e a inserção constante na batalha espiritual, passo agora à compreensão sobre as visões de ciência, da importância da escola e a perspectiva que possuem acerca do livro didático de História.

O trecho acima citado faz parte do acervo de minhas fontes, e traz uma reflexão surgida durante o trabalho de campo: o lugar de importância do ensino de História e da escola na vida destes jovens, residentes em favela e que se identificam como evangélicos. Mais precisamente, no trecho destacado, o aluno está traçando uma comparação entre o livro de História, considerado por ele uma ciência, e o livro sagrado deste grupo religioso que mais cresce no Brasil. De antemão, adianto que é notório que há uma narrativa em relação à ciência sendo construída em outros espaços, neste caso, nas igrejas, e que pode entrar em conflito com a narrativa construída no espaço da sala de aula.

Conforme já mencionado, a vida nas áreas periféricas dos grandes centros urbanos do Brasil gera o sentimento constante de insegurança, que por consequência acarreta a ideia de incerteza. Os dados do trabalho de campo sugerem que esses jovens buscam antes de tudo “certezas”.

Imbuídos no universo de incertezas que a vida de um jovem morador de uma favela, com todos os preconceitos sociais e raciais, tem de lidar desde a infância e que se acentua com a chegada da puberdade, quando deixam de ser vistos como crianças dignas de pena e passam a ser considerados jovens indesejáveis pela sociedade, tão alimentados pela mídia, esta juventude passa a resistir, ou melhor, buscar estratégias de sobrevivência. Neste sentido, as dúvidas, os questionamentos, a constante revisão de conceitos ou pontos de vista, que são próprios do âmbito da ciência, tendem a ocasionar certa “rejeição” por parte desses estudantes evangélicos.

No outro lado da balança, esses jovens veem na Bíblia, e em especial na sua leitura fundamentalista ou interpretação literal, uma forma de certeza, que impulsiona e tende a dar garantias, ainda que somente na esfera do imediato. Seguindo as pistas apontadas pelo questionário, associadas às entrevistas e aos encontros com os grupos focais, o perfil de nossos alunos evangélicos traz algumas considerações: são pentecostais, conforme já indicado, o Espírito Santo sendo consolador e motivador, são conservadores, consideram os pastores tanto autoridades espirituais quanto como lideranças que devem ser respeitadas pelos demais moradores uma vez que estão ativamente resolvendo os mais

variados problemas dentro do território. A família é importante, a religião está à frente da escola e a Bíblia tem mais credibilidade que os livros de História.

Com base na minha desconfiança, confirmada pelas respostas ao questionário, levei para o encontro do grupo focal a seguinte questão: por que a Bíblia era digna de tanta confiança e qual seria a diferença entre a Bíblia e os demais livros, no caso específico o livro didático de História. As respostas foram unânimes: a Bíblia era a palavra de Deus, com isso, era certa, não estava sujeita a mudanças, apesar de sua antiguidade.

Já os livros didáticos de História eram escritos pelos homens e estavam sujeitos a questionamentos, uma vez que, dada a condição humana, estão sempre sendo reformulados, pois não é uma certeza. Neste sentido, esses alunos nos dão pistas de que a incerteza os incomoda, ou melhor, a relatividade da ciência, o fato de estar sempre surgindo novas descobertas, que por vezes podem anular as descobertas anteriores.

Para além desta possibilidade de sociabilidade e reconhecimento social proporcionado pelo pertencimento a uma identidade evangélica, cabe destacar que estas igrejas tendem a suprir as incertezas destes jovens e, para isso, a Bíblia Sagrada é considerada a pedra angular. Funcionando como uma espécie de oráculo ou, grosso modo, como um “patuá”, no qual a simples existência física do livro pode suscitar proteção, sua leitura cotidiana pode resolver conflitos, trazer esperança, proteção, entre tantas outras funções.

Dadas todas essas funções, o livro é visto como inquestionável pelos alunos evangélicos e, por isso, mediante qualquer questionamento ao livro que possa ser levantado em sala de aula, acabam por gerar controvérsias, que nem sempre resultam no conflito direto entre os atores, mas que podem refletir na rejeição subjetiva aos conteúdos apresentados pelos professores.

Durante o encontro do grupo focal, ao serem questionados sobre uma possível hierarquia entre o conhecimento da Bíblia e os conhecimentos encontrados nos livros didáticos, os alunos relataram que o livro sagrado possui um lugar de relevância e destaque. Embora não descartassem o conhecimento presente nos livros didáticos, deixaram a entender que no caso específico do livro de História, este só teria validade enquanto não entrasse em contradição ou em oposição à Bíblia. O mais simples antagonismo ao conhecimento bíblico já configura um descrédito ao material didático utilizado pela escola.

Neste sentido, os variados assuntos que podem estar presentes nas aulas

de História, como: teoria evolucionista, comunismo, feminismo, justiça, racismo, entre tantos outros, são recebidos por esses alunos através das lentes religiosas. Ou seja, aquilo ensinado pelo docente no âmbito escolar é comparado, ainda que de forma não consciente, ao que é aprendido no território das igrejas, podendo resultar ou não em conflitos diretos e questionamentos. Contudo, nem sempre a “aprendizagem” é obtida com sucesso.

Em suma, por todo estímulo que recebem em relação ao livro sagrado, os alunos evangélicos que participaram da pesquisa evidenciaram que a ciência só possui credibilidade enquanto não se opõe às sagradas escrituras, na medida em que o conhecimento escolar e, por sua vez, a ciência, sugerirem alguma contradição ao que é aprendido no território das igrejas sobre a Bíblia, há um descarte do que é ensinado nos bancos escolares.

Dito de outra maneira, os alunos evangélicos não desacreditam totalmente a ciência ou a escola, desde que estas não se oponham às suas crenças religiosas. Esta crença é, por sua vez, baseada na ideia de certeza. Ou seja, a Bíblia é inquestionável por ser por eles considerada enquanto certeza; já a ciência está em constante mudança, e isso tende a mexer com esses alunos, uma vez que suas vidas são marcadas por constantes incertezas, desde o que terão para almoçar, estendendo-se ao que serão amanhã. No meio de tanta imprevisibilidade que marca a vida no território de favela, a certeza bíblica tende a trazer conforto, ao menos uma esperança de poder prever o amanhã.

O exercício de ouvir o que esses jovens evangélicos têm a dizer sobre a ciência e o conhecimento escolar teve por finalidade compreender o universo simbólico que os informa. Minhas reflexões durante a pesquisa visam fugir do que os grandes líderes divulgam midiaticamente. Assim, busco compreender o que realmente acontece nas bases, ou seja, se as ideias dos grandes líderes chegam e como chegam a esses locais e como isto passa a ser redirecionado pelos pastores em suas pequenas igrejas e, por reflexo, como esses jovens recebem essa informação nas igrejas e as levam para a sala de aula.

Durante o grupo focal, mostrei uma imagem do livro aos participantes e pedi para que relatassem suas opiniões sobre a obra. Por unanimidade, todos os envolvidos confirmaram minha suspeita: é a única fonte de verdade na vida dos evangélicos, diferentemente dos livros utilizados na escola, que são, segundo relatos, produzidos por “inspirações humanas e, por isso, passíveis de erros”.

A Bíblia é parte componente da indumentária do evangélico. Impressa

em diferentes modelos, visando agradar todos os públicos, jovens, mulheres, crianças ou ainda em versão para o *smartphone*, este livro apareceu em diversos momentos durante o trabalho de campo, sendo mobilizado tanto para contestar o que se “ensinava em sala de aula”, quanto para afirmar-se enquanto evangélico que carrega este escudo para todos os lugares.

A situação que se configura traz muitas instigações, uma vez que de um lado temos o livro sagrado que é mais vendido e lido mundialmente em virtude da Reforma Protestante e, de outro, temos o livro didático que, segundo Oliveira (2007), é o aporte didático mais utilizado no Brasil, e consumido tanto pela rede pública quanto pela rede privada de ensino. Fato é que, quando postos frente a frente, a nossa tão almejada laicidade ou o projeto de valorização da ciência mostra suas fragilidades diante de um grupo que, neste caso específico, é marcado por sua vulnerabilidade social e econômica e que põe em dúvida as narrativas e ensinamentos propostos no chão da escola.

Ainda explorando os dados do questionário enfatizo que o grupo dá importância à família, como um princípio cristão, seguido da religiosidade. A escola, como pude constatar, ocupa a 4ª posição e sua função, de acordo com os relatos, é conseguir melhor emprego, e não conhecimento. Para ilustrar essa constatação, trago o relato de Vanessa, de 18 anos, aluna da 1ª série do Ensino Médio da escola B, quando indagada sobre a importância da religião em sua vida:

Nada pode fugir do que Deus quer. E ele quer a família unida. Porque isso agrada Deus. Então, se você e sua família servem ao senhor, tudo vai bem. Mas se isso não acontece tudo vai mal. Não tem emprego bom que fique com quem não está com Deus. Então, se você e sua família estão em comunhão com Deus, todo o resto se ajeita aos poucos. Até a escola mesmo. Porque às vezes você pensa uma coisa sobre a escola, mas Deus tem outro plano pra sua vida. Ele quer te usar de outra forma. E aí, ele vai moldando sua vida, porque a gente é vaso e Deus é quem faz a obra. (Vanessa, 18 anos, estudante da 1ª série do Ensino Médio, em entrevista)

Os dados coletados também acenaram para uma questão importante: a autoridade do professor tem sido comparada com a autoridade do pastor e, ainda que de maneira não intencional, os alunos tendem a hierarquizar essas figuras. Por vezes, os professores são associados à incerteza, que é tão temida

por essa juventude, enquanto a figura do pastor é associada à certeza. Desta maneira, os alunos evidenciaram que o saber do professor e, por consequente, aquilo que ele tende a ensinar têm uma validade limitada, no geral, quando muito apenas para utilização no mundo do trabalho.

Em contrapartida, o pastor, muitas vezes compreendido como um pai, figura tão destacada ainda em nossa sociedade marcadamente patriarcal, tende a gerar certezas, motivações, trazer esperanças. Ou seja, a figura deste líder religioso está para além do universo do trabalho, uma vez que tende a orientar para a vida. Para os alunos, as palavras desses líderes e seus ensinamentos ou conselhos geram certezas e estímulos.

Destaco que, como já observado por Vital da Cunha, os pastores no território de favelas podem funcionar como mantenedores da ordem, resolvendo diversos conflitos, desde brigas entre pais e filhos, provendo alimentação para os mais necessitados, visitando jovens habitantes que se encontram em presídios, amenizando brigas entre casais, por meio de conselhos e orações, entre tantos outros provimentos.

Por todos os papéis desempenhados, ganham autoridade e respeito por parte dos alunos. Além dessas questões, é importante frisar que estes pastores por diversas vezes são também moradores dessas localidades, alguns já cumpriram pena, já passaram por problemas com vícios, já foram agressivos, ou seja, já tiveram uma vivência muito próxima à realidade, ao contexto no qual esses alunos estão imersos.

Tal situação contribui para retificar a autoridade dos pastores e automaticamente produzir comparações, já que os professores podem ser vistos com uma vivência muito diferente dos alunos e, por isso, não ser capazes o suficiente de responder ou compreender suas angústias e inquietações. Dentro dessa lógica, muitos pastores tendem a colocar a fé como aprendizado de um desafio a Deus, estimulando o poder das palavras positivas enquanto instrumento de mobilização. Assim, o decreto, ou declaração de coisas positivas, tende a atrair a realização dos desejos declarados.

Trabalhando o estímulo ao ego e, conseqüentemente, treinando a fé e a esperança, parte dos pastores tem construído e consolidado suas relações com os fiéis, levando a cabo a condução do seu rebanho. Logo, o não cumprimento dos conselhos do pastor tende a rotular os que assim sucedem como “vasos rebeldes”, que é uma designação, ou melhor, uma categoria de acusação não

desejável para aqueles que buscam uma posituação social por meio de uma “identidade evangélica”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apresentação deste artigo visou contribuir para uma melhor compreensão de parte do universo simbólico que permeia o território de favela nas áreas urbanas e que, por diferentes caminhos, pode adentrar a sala de aula e, neste caso específico, fazer-se presente na aula de História. Ou seja, objetivou mostrar como ao menos parte desses alunos evangélicos pensam, quais são as suas perspectivas e visões sobre a escola e a ciência.

Neste sentido, este trabalho buscou ser uma contribuição para que estratégias mais eficazes possam ser pensadas a cada dia pelos docentes, considerando as peculiaridades que envolvem seus alunos, em especial os de território de periferia, de um território que vem se constituindo cada vez mais evangélico. E que estão buscando seu lugar na nossa tão sensível e fragilizada democracia.

Por todo cenário político, social e econômico vivenciado pelo Brasil no tempo presente e que os menos favorecidos têm pagado a maior parte da conta pelo desgoverno, espero ter contribuído para que o ensino e a escola sejam repensados em suas peculiaridades.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Joana. A “lei da vida”: confirmação, evasão escolar e reinvenção da identidade entre os pomeranos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 69-82, jan./jun., 2001.
- BAUMAN, Z. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BIRMAN, Patrícia. Cruzadas pela paz: práticas religiosas e projetos seculares relacionados à questão da violência no Rio de Janeiro. *Religião e Sociedade*, 32 (1), 2012.
- BURITY, Joanildo. Cidadãos, consumidores, militantes e fiéis: pertencimento e democracia. Relatório de pesquisa. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, mimeo, 2000.
- CASSAB, Maria Aparecida Tardim. *Jovens pobres e o futuro*: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza. Niterói: Intertexto, 2001.

- DIP, Andrea. *Em nome de quem?* Bancada evangélica e seu projeto de poder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LAVILLE, Christian. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História. *Rev. bras. Hist.* [online], vol. 19, n. 38, 1999.
- MAFRA, Clara Cristina. *Na Posse da Palavra: Religião, Conversão e Liberdade Pessoal em Dois Contextos Nacionais*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, PPGAS/MN/ UFRJ, 1999.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MONTEIRO, Ana Maria. *Professores de História: entre saberes e práticas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Maua Editora, 2010.
- MONTEIRO, Ana Maria. Formação de professores: entre demandas e projetos. *Revista História Hoje*, São Paulo: Anpuh, v. 2, n. 3, p. 19-42, 2013.
- OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira (org.). *O livro didático de história: políticas educacionais, pesquisa e ensino*. Natal: Ed. UFRN, 2007.
- RÜSEN, Jörn. O livro didático ideal. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- VITAL DA CUNHA, Christina. *Oração de Traficante: uma etnografia*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

NOTA

¹ Mediante minha demonstração de interesse, um aluno do ensino fundamental levou uma “revista” da Escola Bíblica Dominical para que eu pudesse ver o material. A análise da revista foi importante para compreender algumas lacunas de minha pesquisa.

Artigo submetido em 30 de dezembro de 2020. Aprovado em 03 de março de 2021.